



ACADEMIA JOINVILENSE

1969

Suplemento Literário

HEKADEMEIA

11

Nossos Cronistas - 2

Vol. 2 – No. 9 – Joinville, setembro de 2017

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

Hekademeia Vol. 2, No. 9

SUMÁRIO

Jura Arruda	5
Simone Gehrke	13
Apolinário Ternes	22
Marinaldo de Silva e Silva	27
Carlos Aduino Vieira	35
Hilton Gorresen	45
Maria Cristina Dias	52
Milton Maciel	58

***HEKADEMEIA** é forma original e mais antiga da palavra Akademia. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego Akademos (em latim Academus) e à deusa Palas Atena, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali Platão possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de Academia, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.*

HEKADEMEIA é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este décimo-primeiro número de Hekademeia traz de volta nossos cronistas, os quais abriram, com seus brilhantes textos, o primeiro exemplar desta nossa série de Suplementos Literários, o **HEKADEMEIA 1: Nossos Cronistas**, de Novembro de 2016.

Hoje, contudo, nosso naipe de cronistas simplesmente duplicou. Se tivemos quatro cronistas na primeira edição, este **HEKADEMEIA 11: Nosso Cronistas-2** conta com oito escritores, o que traduz o crescimento do quadro de acadêmicos titulares ocorrido durante o ano de 2017.



A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – à Rua 15 de Novembro, 485.

Aí se desenrolam as sessões ordinárias e extraordinárias, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em seu Salão Nobre, a extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos artístico-literários, os SARAUS da AJL.

No terceiro andar desse colosso arquitetônico está a nossa sede, com a grande sala de reuniões, biblioteca e a sala de aulas, onde são ministrados nossos cursos e oficinas, tanto para acadêmicos, escritores e aspirantes a escritor em geral, como para estudantes do ensino fundamental e médio e do ensino superior.



JURA ARRUDA

Jura Arruda nasceu em São Paulo. Radicado em Joinville desde 1984, estreou escrevendo para teatro em 1996, com a peça infantil “Quem roubou minha infância que estava aqui?”, desde então escreveu onze peças, com destaque para “Uma festa para Eulália” (2006) e Nós e um laço (2013). No cinema foi co-roteirista do longa "Infância de Monique".

Com foco na literatura infantojuvenil, Jura Arruda tem sete livros publicados, com destaques para “Fritz, um sapo nas terras do príncipe” e “Uma árvore que dá o que falar”, além de participações em antologias por editoras de São Paulo e Santa Catarina.

Foi membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais de 2015 a 2016, é vice-presidente do Instituto da Cultura e Educação (realizador da Feira do Livro de Joinville), Membro Honorário da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e Membro Efetivo da Academia Joinvilense de Letras desde 2015.

Cronista desde 2008, atualmente tem crônicas publicadas na edição de sexta-feira do jornal A Notícia.

É também editor, diretor da Editora Areia, de Joinville.

DE BRAÇOS CRUZADOS

Estou de braços cruzados. Estou em greve. Estou na posição de defesa contra os devassos que detém o poder. Estou em total desacordo com a situação política, que impediu a primeira mulher eleita para o maior cargo do país de terminar seu mandato, sob alegações escusas e que, após golpear a nação em comprovada politicagem, mantém arma em punho e ataca os direitos dos trabalhadores, como se o povo fosse o culpado pela crise instalada.

Estou de braços cruzados, num gesto explícito de não aceitação às tramoias e às caras lavadas. O Brasil não é mais o Brasil dos cara-pintadas, hoje é o país dos cara-lavadas, em que o presidente da Câmara dos Deputados, na sessão de impeachment que condenou o país ao retrocesso social, é desonesto e está preso. Você percebeu o que isso significa? O condutor do processo de impeachment não tem a mínima moral para julgar, mas julgou. E ao lado dele, outros políticos corrompidos, votaram em nome de Deus e da família. Não lembro de um único voto naquela sessão fazer referência ao que se chamou de pedaladas fiscais, por sinal, muito utilizada em todas as esferas. Essa imensa maioria de votantes está sendo investigada. No entanto, ao contrário da presidenta eleita, continuam soltos e atuantes, e agora votam para mudar os direitos trabalhistas, fragilizando o trabalhador e permitindo poder quase irrestrito ao empresário.

Estou de braços cruzados porque é uma forma de dizer que não, que está errado, que somos muitos e muitos formam a maioria, e que a maioria deve ser ouvida em uma democracia. Mas parece que eles estão surdos, a própria Justiça parece surda, não bastasse a venda nos olhos e a balança em desequilíbrio, como símbolo.

Hoje, cruzo meus braços como quem empunha armas em uma guerra. Hoje fazem-se escudos, mas hão de ser lança e,

um dia, não muito distante, hão de erguer-se em gesto de vitória. E o Brasil vai retomar seus avanços sociais, tão combatidos pelo mau-caratismo político, pela ganância financeira e pela falta de responsabilidade, num sistema que privilegia a poucos e oprime a tantos.

Amanhã volto a abrir os braços para abraçar ao menos a esperança de que ainda haverá esperança.

E A FILA ANDA

Sete anos depois, Seu Ubirajara achou que era hora de fazer nova consulta. Esperou por duas horas e meia sob o sol e foi uma das 68 pessoas que conseguiram agendar médico para aquela semana. Na fila, ouviu conversas e, ali mesmo, decidiu sua preferência pelo doutor Alexandre. “Ele pede muitos exames”, ouviu de uma senhora que, aparentemente, era assídua frequentadora do posto de saúde do bairro. De outro, ouviu que “Ele olha na cara da gente”. Não teve dúvidas, escolheu como quem escolhe a bananada mais gorda da bandeja.

Do grupo que se conheceu naquela fila, Seu Ubirajara encontraria novamente, pelo menos, outros dez, em novas filas: no dia da consulta, no dia do raio-x do tórax, no dia do eletrocardiograma, ao buscar os potinhos para os deselegantes exames de urina e fezes. Iam já pelo terceiro encontro, quando alguém sugeriu criar um grupo de WhatsApp. Todos riram e comentaram sobre os temas a serem compartilhados, que tipo de fotos mandariam, que dores contariam, quais listas de medicamentos bons para isso ou aquilo.

No quarto encontro, um senhor aparentemente muito nervoso foi acalmado por uma senhora nova no grupo: “O senhor se acalma ou vai acabar furando a fila da morte e chegando primeiro lá”, ao que um terceiro satiriza: “Se a fila da

morte for igual essa do SUS, a gente tá feito!”, e a fila riu, como é dado ao brasileiro que não se rebela porque encontra saída e grandeza na piada, porque se vinga das autoridades mantendo inabalável humor e resiliência.

Em algum tempo, a excursão do doutor Alexandre pelos laboratórios da cidade terá terminado, com resultados surpreendentes para uns, com péssimas notícias para outros, com o que resta da vida desse povo, que forma filas em busca de alguma dignidade e de um pouco de atenção e que oculta, no fundo do peito, a verdade inexorável: todos caminham para o fim, por mais lenta que caminhe a fila do SUS.

Cansado, no quinto dia de exames, Seu Ubirajara pensa que o brasileiro merece algo melhor do que tem recebido, mas para isso, precisa tirar os canalhas que aí estão, por mais lenta que caminhe a fila do Poder.

NÃO FAZ MUITO TEMPO

Não faz muito tempo, os dias eram mais longos. Acordávamos e podíamos nos permitir um espreguiçar interminável. Olhávamos pela janela e era o clima lá de fora que determinava os minutos a mais sob os lençóis: se chovia, mais tempo de preguiça e vontade de ficar; se era dia de sol, saltávamos da cama, abríamos janelas e coração.

A caminhada ao banheiro podia ser lenta, era a tranquilidade que nos movia. Antes de colocar a pasta na escova, detínhamos o olhar no espelho, mexíamos no cabelo, esticávamos a pele na busca por um ou outro sinal. Víamos e sabíamos quem éramos. Na cozinha, enquanto o café passava, filtrado por um coador de pano, pensávamos nas coisas do dia.

Não faz muito tempo, esperávamos o leite ferver, o café coar, o bolo esfriar, as galinhas chegarem ao quintal para recolher com o bico as casquinhas de pão lançadas ao chão pelo chacoalhar da toalha de mesa. O trabalhador seguia seu caminho, quem ficava em casa, planejava afazeres e já separava os ingredientes do almoço. Na parte da tarde, o dia seguia lento, o sol caminhava para o horizonte quase sem se mover, parava-se para uma conversa com o vizinho, para reparar um objeto qualquer que nem falta fazia. Brincava-se.

Um dia o homem acelerou o tempo, na ânsia de aproveitar da vida o máximo. Perdeu-se, pois nunca soube incluir nesse máximo o deleite de um café da manhã demorado, de um olhar tranquilo sobre o dia, de observar um quintal, um pássaro, um filho.

É o máximo correr como um tolo em busca do dinheiro que há de redimir os dias em que não fomos felizes?

É tanto correr, tanto não ter tempo que já não é mais possível fugir dessa rodaviva que nos rouba com seus relógios digitais a vida e seu sentido. Carros aceleram mais, a internet é mais rápida, os relacionamentos são fugazes. Olhamos em volta e vemos essa desarrumação na casa, essa bagunça no peito, essa desordem na mente. O leite aquecido no microondas, o café instantâneo, passada de olhos nas notícias, celular, celular, celular.

Em 1992, meu primeiro personagem no teatro foi Miguel Pampa, texto de Carlos Nejar, história de um homem que vendia tempo. Se voltar a encontrá-lo, comprei.

DE QUE VALE?

Chega à mesa da professora o convite para um concurso literário. Mais um. A vontade imediata da moça é de fazer uma

bolinha de papel e arremessar no ar. A mesma vontade de jogar a profissão e o marido, a segunda-feira e o plano de aula. Ela se contém, é responsável e equilibrada o suficiente para não enlouquecer por pouco. Enfia-o entre as páginas do diário de classe. Chove, os alunos parecem enlouquecer quando chove. O diretor aproxima-se e comenta sobre o concurso literário anual – este ano temos que ir para a final – a docente retira o papel e cola-o ao peito do homem – Não vamos participar. Já é o terceiro ano e nunca ganhamos. De que vale?

A cena é fictícia, baseada em conversa com um amigo da área de Educação. Saio do encontro e vou tomar um café para esquecer afazeres e deixar o pensamento fluir um pouco solto, com o vento. Encontro-me com minhas utopias, todas elas muito enfraquecidas, feitas panos rotos oscilando num varal disposto à queda. Rememoro o diálogo de pouco antes, o café ajuda, penso melhor. É passível a um professor (educador, como queira) desistir dessa forma? Que geração mimada é essa que não aceita derrotas e põe a culpa no juiz? Talvez a professora do caso acima não goste tanto do que faz. Ou cansou demais. Antes que você pense que vou cair na vala comum do magisterio-é-uma-eterna-doação-de-amor, digo que não, que é profissão tal qual outra, que sói dedicar-se e merece remuneração digna, no entanto, independente do quanto se sente mal remunerado, cansado ou triste, é dever do professor identificar talentos potenciais de seus alunos, direcioná-los, mostrar o caminho, tanto quanto buscar para si próprio o aperfeiçoamento. Não deu dessa vez, vamos de novo. O que faltou? O que pode ser melhorado? Refazer, fazer diferente, tentar outra vez, investir.

Talvez os talentos sejam outros nessa turma, talvez a turma desse ano apresente dificuldade maior, mas pode acontecer de ser diferente. Em qualquer um dos casos, não se pode deixar de fazer, ainda que custe tempo a mais de trabalho, ainda que custe nova derrota. A maioria das conquistas na área

de Educação são imperceptíveis a curto prazo, mas lá na frente, lá na frente, um pequeno gesto de um professor poderá ter ajudado a mudar o mundo, ou a parte dele em que você está inserido. Boas férias!



SIMONE GEHRKE

SIMONE SCHULER MEDEIROS GEHRKE é jornalista formada pela PUC/RS, pós-graduada em Administração de Marketing, Comunicação e Negócios, especialista em Gestão da Qualidade e da Produtividade e participante do International Program in Corporate Communications (Syracuse University/Aberje).

Natural de Porto Alegre, atuou como produtora e repórter em rádio, televisão, jornal e revista na capital gaúcha. Mudou-se para Joinville em 1992, onde foi repórter do jornal A Notícia e há 25 anos integra a equipe da EDM Logos Comunicação Corporativa, como diretora executiva.

Começou na literatura com poesias, na adolescência, quando teve trabalhos publicados no Correio do Povo (RS) e na Revista Família Cristã (SP). Durante muitos anos, escreveu contos ‘devesenquandários’. Foi vencedora da categoria conto/crônica no II Prêmio Joinville de Expressão Literária (2005) e participou de diversas coletâneas - como “Frestas”, com curadoria de Tabajaras Rua (Sesc/2009), 5o. Concurso Literário de Conto (Sinergia/Florianópolis, 2005) e Contos Desamoraçados (Concurso Crispim Mira, Joinville, 1999).

Desde outubro de 2011, atua como cronista no jornal A Notícia, tendo publicando regularmente às terças-feiras, nos últimos seis anos, mais de 300 textos. É autora do livro de Crônicas “Percebes”, patrocinado pelo Edital Elisabete Anderle (2014) e coautora da biografia de Henrique Loyola (2012).

A JABUTICABA PAGOU O PATO

O noticiário político-econômico tem vocabulário próprio, com frequentes referências à fauna e à flora. De tempos em tempos, compara-se o crescimento brasileiro ao voo da galinha, as singularidades da legislação ou do *modus operandi* do país à jabuticaba e as vítimas de alguma situação institucional aos patos.

A galinha, de fato, tem um voo que difere da maioria dos pássaros: curto, passageiro, sem rumo, errático, nunca se sabe onde vai terminar. Qualquer semelhança com os poucos levantares e os muitos despencares da atividade econômica não será mera coincidência.

O pato, coitado, já era vítima no além-mar antes de fazer parte das manchetes dos jornais (ou de virar personagem da Fiesp). Pagar o pato é fazer papel de bobo, arcar com consequências dos erros alheios. A origem da expressão remonta a um jogo português em que os participantes deveriam arrancar com um só golpe o pato que era amarrado a um poste, sob pena de desembolsarem o valor do bicho em dinheiro.

A pobre da jabuticaba só demonstrava qualidades até virar sinônimo das excrescências que só acontecem por aqui. A comparação, no princípio uma homenagem à fruta - se é do Brasil, mas não é jabuticaba, não presta -, perdeu seu sentido com o excesso do uso em companhias de má índole.

(Parêntese: jabuticaba não é exclusividade brasileira. Embora tenha surgido nestas bandas, é cultivada na Argentina, no Uruguai e existem registros de dois pés no Jardim Botânico de Londres).

Voltando à jabuticaba. Se tivéssemos propensão à autoestima, ela bem podia ser um exemplo das nossas virtudes: tem design criativo (cresce no tronco e nos galhos), alta produtividade (duas safras ao ano), vida longa e gera frutos mais saborosos com o passar dos anos.

Mas como somos mais acostumados a reconhecer e ressaltar os defeitos que nos cercam, coube à jabuticaba pagar o pato (ops!).

ENCONTROS E DESENCONTROS

De um modo geral, a vida se resume a uma sequência finita de encontros (poucos) e desencontros (muitos).

Se a respeito dos primeiros nada há a declarar, uma vez que seguiram o rumo que deles se esperava em determinada circunstância, algumas palavras é preciso dizer sobre os segundos.

Em comum, os desencontros têm o fato de contrariar nossas vontades. Às vezes porque estão além das possibilidades ao alcance de um simples mortal, como é o caso de partidas onde se queria chegadas, ou discórdias, onde se buscava consensos.

Outras, porque escapam de nosso controle de forma involuntária. Como, por exemplo, pela incapacidade em lidar com a língua, aquele instrumento que se não dominamos nos domina, se distraímos a atenção, em vez de unir, nos separa.

De nada adianta preparar a exposição de uma proposta que se planeja convergente se não houver zelo com o elemento que a introduz.

Dizer que uma ideia vem de encontro a outra é provocar um grave acidente de percurso. Significa que elas não estão na mesma frequência; pelo contrário, correm em direções opostas e se encontram em perigosa rota de colisão, exigindo rápidas providências.

Se a intenção foi apresentar uma proposta que comungasse de um mínimo denominador comum, como apreciam amantes das ciências exatas, seria preciso explicar que isto vinha ao encontro daquilo.

E o que dizer dos contatos que se encerram com a indicação de telefone ou e-mail “para maiores informações”? Desde quando dados sobre alguma coisa têm a estatura de ser maiores ou menores? Ou qualificação de se apresentar como melhores ou piores? Informações podem, no máximo, ser adicionais, ou complementares.

Outra fonte de divergência são encontros bianuais. O sujeito promete esta periodicidade (similar a semestral) e aparece ano sim, ano não (bienal, como tinha intenção de dizer).

Realmente a vida é feita de muitos desencontros; alguns deles, perfeitamente evitáveis.

SUSCITO OU SUCINTO

Veza por outra me surpreendo com a magia das palavras e de seus significados. A evolução humana foi beneficiada pela invenção do alfabeto: 26 letras que se combinam, criando palavras e organizando ideias capazes de vencer as barreiras do tempo e do espaço; colocando o homem do passado, com suas reflexões, em contato direto com o do presente e o do futuro.

Se a junção dos caracteres proporciona uma ligação atemporal, também precisamos estar atentos aos detalhes que preservam a exatidão da linguagem que nos cerca.

Dia desses, enquanto distraía os ouvidos amalhando falas alheias, ouvi parte de uma conversa entre dois adultos sem identificar a primeira palavra que trocaram.

- Sucinto (ou suscito) - disse o primeiro, com convicção.

- Tem certeza?- questionou um interlocutor, espantado.

- Claro!

Os dois calaram por um espaço de tempo longo o suficiente para que minha senha de atendimento fosse chamada e eu levasse aquela dúvida comigo.

Sucinto. Estaria o primeiro homem indicando ao segundo que expusesse algo de forma breve, limitando-se ao essencial? Ao que teria este, surpreso com o pedido, confirmado se havia mesmo que restringir o que de tão importante tinha a contar? Se assim foi, a pausa estendida seria uma tentativa do interlocutor de encurtar sua história sem perder a consistência.

Mas a palavra inicial do primeiro homem também poderia ter sido suscito - fomento. Neste caso, o que estaria ele disposto a provocar?

Pelo tom assustado do questionamento que se seguiu, a ação de suscitar algo que não sabemos o que é causaria efeitos devastadores.

Impossível compreender. De certo, apenas, que se sucinto, não suscito. E vice-versa.

DA SUPOSTA SUAVIDADE DAS PALAVRAS

Na sua origem, o mundo era dual e tudo o que nele se passava era classificado entre seus opostos. Claro/escuro; certo/errado; bonito/feio; grande/pequeno; muito/pouco; passado/futuro; bem/mal.

O mesmo acontecia às palavras. Uma se caracterizavam por introduzir boas novas; outras, por anunciar maus agouros.

O verbo cometer, coitado, nasceu afeito a ocorrências negativas. Cometem-se abusos, crimes, erros, suicídios e gafes (mas jamais afagos ou elogios).

Em contrapartida, verbos como fazer e construir soam com alta reputação. Boas ações e projetos nunca são cometidos, mas feitos ou construídos. Às vezes, até, edificadas.

Eis que de uns tempos pra cá o mundo encantou-se pelos tons de cinza, pelas opções alternativas, pela beleza do lusco-fusco. E nesta onda em prol do caminho do meio, uma nova leva de palavras ganhou espaço e voz para minimizar os efeitos do que outrora era conhecido como notícia ruim.

Chamam a atenção alguns vocábulos formados com a junção do sufixo 'des' a palavras até então de sentido positivo.

Os empregados (a quem sempre se estimulou o desenvolvimento de vínculos) deixaram de ser demitidos para serem desligados. As atividades ou parcerias que não existiriam mais esqueceram-se de ser encerradas ou interrompidas para ganhar um novo status: descontinuadas.

E o que dizer dos gordos - pessoas com sobrepeso? Ou dos

lerdos - seres com ritmo próprio? Dos pobres – desprovidos de recursos materiais?

Muito desta forma de falar, abordando a realidade pelas bordas, suaviza o discurso de quem precisa pronunciar algo duro, e propõe um tom mais ameno à conversa.

É fato, no entanto, que tal leveza não reduz (para quem escuta) o efeito amargo de uma mensagem que, em sua essência, permanece inalterado. Apesar do discurso generoso. E da suposta suavidade das palavras.

PRECISÃO DE LINGUAGEM

Levei um susto quando o computador, recém-chegado à minha mesa, respondeu à solicitação de impressão com a mensagem:

- Sua impressora precisa de atenção

Ué, pensava que atenção era algo que se dava à família e aos amigos; até poderia chamar assim o cuidado com animais e as plantas. Mas para uma impressora era demais.

Pois o estranhamento se aprofundou quando assisti ao filme "O Doador de Memórias" - ficção que cria um mundo igualitário, sem emoções e totalmente controlado, incluindo um código em relação ao uso das palavras.

O protagonista (um jovem que se preparava para receber memórias do passado) questiona o pai:

- Você me ama?

- Precisão de Linguagem! - adverte o pai.
- Tenho muita consideração por você.

Se dermos uma olhada nas notícias que nos cercam, já vivemos em um ambiente que nos cobra pelo uso de termos neutros, que não expressem julgamentos ou distinções. As palavras ferem, discriminam, indicam preferências e necessitam de controle. Precisão de Linguagem (PL) nelas.

- Você está atrasado.
- PL: além do prazo estipulado.
- Não suporto mariscos.
- PL: tenho intolerância a alimentos de origem marinha.
- Estou farta.
- PL: satisfeita.
- Fulana engordou.
- PL: adquiriu sobrepeso.
- Beltrano é ignorante.
- PL: tem informação insuficiente.

Voltando ao filme. Diante da insatisfação de alguns com a mesmice de uma sociedade controlada, a anciã que detinha autoridade máxima, conhecedora das agruras do passado que motivaram as regulações do presente, justifica:

- Quando tinham liberdade, vocês fizeram escolhas erradas; todas as vezes.
- Pois é (eu diria). Mas desta forma a vida se torna um saco!
- PL: carente de atrativos.



APOLINÁRIO TERNES

Apolinário Ternes é autor de 30 livros sobre a história de Joinville, de Santa Catarina e de empresas e instituições da região norte do Estado.

Joinvilense, nascido em 1949, é autor e jornalista desde 1968 e mantém artigos semanais no jornal A Notícia há três décadas.

Publica obras regularmente desde 1975. Sobre Joinville destacam-se os títulos:

História de Joinville, uma abordagem crítica (1981)

História Econômica de Joinville (1986)

Joinville, a Construção da Cidade (1993)

Tempos Modernos - A Presença dos Italianos em Joinville (2009)

Exerceu o cargo de editorialista no jornal A Notícia no período de 1979 a 2007. Nos anos 2002 – 2004 foi diretor do jornal em Florianópolis.

Formado em História e Direito, é Mestre em Educação e Cultura. Foi diretor do Arquivo Histórico e da Biblioteca Pública de Joinville, integrou o Conselho Estadual e Municipal de Cultura e é membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pelo qual foi homenageado com a comenda Joaquim Manoel de Almeida Coelho, em 2005.

No mesmo ano recebeu o título de Cidadão Benemérito de Joinville e a Medalha Anita Garibaldi, do governo de Santa Catarina.

SANTOS E DEMÔNIOS

Entre um jogo e outro, é bom colocar um olho noutra coisa. Um livro estranho, por exemplo. Trata-se de exercício que requer disciplina, além de método, para se coabitar em mundos opostos e em séculos distantes. No caso, entre a Copa no Brasil e os desertos da Síria e do Egito há quinze séculos, por volta do ano 350. Ando lendo um livro estranho, de fascínio e horror. Escrito em meados do século passado por um francês de nome Jacques Lacarrière com título ‘Padres do Deserto, homens embriagados de Deus’.

Dentre muitas, o livro narra as histórias de dois homens que viveram no século IV, Antão e Pacômio. Deixaram o mundo e avançaram pelo deserto para viverem em cavernas ou buracos por décadas seguidas, em estado de oração e contemplação. Anos depois de solidão e sofrimento, enquanto resistiram às investidas do demônio, fundaram os primeiro mosteiros cristãos. Homens que viveram na fronteira da morte e estavam, milhares deles naquela época, em busca do êxtase místico do encontro com Deus. O que lembra a atual Índia, mística, contraditória e atraente sempre.

Tudo muito estranho, mesmo sendo conhecidas as histórias dos padres fundadores da igreja, além de outros sábios como Macário, Jerônimo e Agostinho. A mudança do paganismo para o cristianismo talvez tenha sido a maior de todas as transformações já vividas pela espécie humana. Nós, da perspectiva do século 21, não imaginamos como o demônio fez parte da vida humana. Agora, no laicismo, Deus é apenas um apelo de última hora. Daí, talvez, advenha a desesperança e o desamparo dos tempos modernos.

Os santos passaram por aqui. Parecem tempos imemoriais. O demônio, anjos decaídos, podem não atuar de forma insinuante como nas miragens de desertos abertos e cavernas escuras, mas incomodam e infligem sofrimento e

medo em milhões de pessoas, que torcem aqui e ali em nome de falsos deuses e de valores efêmeros e voláteis. Esse o fascínio da leitura, capaz de nos conduzir a viagens envolventes sobre santos e demônios nos desertos do Egito e da Síria, quinze séculos depois dos acontecimentos.

RESGATES

Adiante, quando analisarem o que foram os tempos em que vivemos hoje, os estudiosos terão dificuldades em compreender como tão poucos conseguiram tanto em tão pouco tempo. Refiro-me à deformação da sociedade e ao novo imperativo do politicamente correto. Estamos sendo massacrados pelo destronamento da razão, escreve o pensador Roger Scruton em ‘Como ser um conservador’, livro que deveria ser lido pelos que têm sentimentos por valores coletivos como paz, propriedade, liberdade, lei, civilidade e vida familiar.

Os valores que fundamentam cinco mil anos de civilização estão sendo impiedosamente pulverizados por um novo sistema que enaltece o falso, elogia o grotesco e protege minorias. O processo começou há duas ou três décadas e se torna sempre mais acelerado. Primeiro foi nos meios acadêmicos, onde vicejam sindicatos, desinformados e patrulhas ideológicas, depois ganhou a mídia, onde prolifera o politicamente correto e a superficialidade e, agora, domina o mundo através das redes sociais.

Mesmo assim, apesar da cultura da superfluidade, há milhões vivendo sob o sentimento do desamparo, crentes de que o mundo de seus pais tinha mais consistência, racionalidade e coerência. O mundo precisa redescobrir e resgatar valores perenes que criaram e difundiram civilizações e dão sentido ao gigantesco esforço humano na construção do passado. O mundo contemporâneo necessita do resgate de

valores como família, espiritualidade, respeito ao outro e cultivo de virtudes nobres como a conversa, o silêncio, e ainda reduzir o volume de certezas absolutas que estancam o diálogo e a convivência. Precisamos da velha e sábia tolerância, começar pelo repúdio às imposições de minorias ditas esclarecidas que determinam o que é certo e errado sob valores equivocados. Conservar é, acima de tudo, preservar e defender o duradouro, o permanente, o transcendente. Precisamos de nova Renascença, com uma estética que reabilite o humano, o contido e o reverente, fundamentos da civilidade e da tranquilidade.



MARINALDO DA SILVA E SILVA

A veia poético-artística de Marinaldo da Silva e Silva teve início em sua adolescência e foi lapidada pelo Grupo Zaragatta (um grupo de poetas que se reuniam regados de alegria e vinho), recebendo influências dos poetas Rubens da Cunha, Dúnia de Freitas, Rita de Cássia Alves e Ana Simões.

Aqueles encontros o levaram a publicar seu primeiro livro – O BEIJO DE MEPHISTO - em 2002, através do Périplo Literário. O que foi seguido pelos livros “Cânticos de Eva”, “Poesia para as crianças quando ficarem adultas”, “Adão monossilábico”, “Quem são essas crianças que têm superpoderes”, “Nem Romeu nem Julieta”, “A vida e suas figuras”, “Amizade é coisa de ser pra sempre”, “Respostas para tudo” e “O Livro que fala”, seu último lançamento neste 2017.

Além do prazer como poeta-escritor, foi cronista fixo dos jornais A Notícia e Notícias do Dia, por quase 10 anos, publicando mais de 340 crônicas. Atua também como colunista da Revista Premier, com a coluna Mr. President.

Formado em Letras, atualmente é mestrando na Universidade Federal de Santa Catarina, na área da Educação. Já rodou o estado como oficinairo de expressão poética, mas foi no contato com os excluídos que produziu suas maiores criações, tornando escritores prisioneiros e pessoas da terceira idade, por meio de projetos continuados de literatura.

INDEPENDÊNCIA E MORTE

Nos anos 80, quando tínhamos na grade curricular a disciplina de Educação Moral e Cívica – que era um vestígio dos governos militares, e talvez tenha sido extirpada da grade por causa disso -, aparentemente havia mais civismo. A criança recebia na escola coisas que geralmente não recebemos em casa (sabemos da falta de envolvimento da maioria por questões embriadas na política), como noções de cidadania, de respeito aos bens públicos, ao amor à bandeira e a pátria, de respeito às individualidades, etc. Agora, mídias sociais nos fornecem tudo, famílias inteiras depositam a educação dos filhos aos smartphones, e, generalizando eu sei mas não perdendo o fio da meada, passeatas são erguidas tanto quanto encontros de esculhambação e festas movidas a drogas, e pilhagem de pessoas enquanto a identidade do covarde é resguardada num perfil falso.

Comecei a citar a educação moral e cívica porque creio que alguns temas abolidos nas escolas fazem falta. Não, é claro, ao filho do professor esclarecido ou do artista contemporâneo e antenado que conhece Freud, Brecht ou Vygotsky. Faz falta sim, principalmente, aos filhos nascidos em famílias cheias de problemas éticos e morais, de violência e criminalidade, de falta de bom senso e espiritualidade. Aos que duvidam, convido-os a visitar os CRAS (Centro de Referência e Assistência Social) para tirar a prova. Convido-os a frequentar as praças onde jovens, muitos delinquentes, mal sabem usar a própria língua e acham que a moda agora é tirar onda com um cigarrinho do capeta. Semana passada, divulgando a literatura na praça, fui oferecer um livro a um menor e ele me disse: *Leio não. Vo sê traficante, ter carrão, ouro e mulherada*. E não adiantou argumentar: a criança me deu medo.

Falo de educação moral, e também cívica, conceituando moral no que sabemos de mais simples, sem usar conceitos

filosóficos que só funcionam nas academias (e olha que fazendo mestrado, leio muito a respeito). Moral e cívica no respeito ao próximo; na vergonha (minha mãe me ensinou a ter vergonha na cara) de não cuspir quando alguém se aproxima, não falar palavrão perto de gente mais velha, de chamar de senhora, e não de tia, a mulher da padaria, de não dar porrada na placa de trânsito nem na lixeira porque uma cidade feia é uma cidade morta. Mas não. Chegamos num tempo em que a sociedade mais antenada defende a liberação de entorpecentes, porque para eles não tem problema algum. Mas para a mãe desesperada, tem, meus senhores. Elas não querem ver seus filhos independentes para fumar e se tornarem dependentes do vício. Para elas, é a morte.

SURPRESA

A curiosidade fez incríveis revoluções na história da humanidade. Sem a curiosidade, estaríamos ainda andando aos solavancos dos quadrados! E foi a curiosidade que moveu Alceu desde o começo. Desde bebê pra ser mais exato. Não era só uma coisa de receber respostas: era de ver para crer! Nisso descobriu a força da eletricidade ao enfiar o dedo na tomada. “Não bote o dedo Alceu, porque dá choque”... e dava mesmo. Cresceu Alceu provando as maravilhas do porquê das coisas, e queria saber o que fazia o marido da vizinha com seu tio todas as segundas-feiras, o que a mãe falava com o homem esquisito ao ficar sozinha com ele na salinha de madeira, o que continha os ramos de arruda que a benzedeira balançava sobre seus machucados. Eram mistérios que ele não conseguia revelar. Recebia explicações nunca suficientes. Alceu gostava apenas de saber o que havia por detrás das coisas. Por baixo delas. Adorava retirar o véu acobertador.

A curiosidade fez com que Pandora espalhasse todos os sentimentos no mundo! Alceu sabia disso. Aprendeu nas aulas

de história, mas foi nas aulas da vida que descobriu tantas Pandoras por aí, carregando caixas e mais caixas de outros sortilégios para tentar os olhos dos outros, e assim diminuir os seus problemas de consciência por distribuírem maldade no mundo. Foi assim que descobriu que a moça da rua de baixo na verdade era um moço. Foi a curiosidade que o levou a seguir uma namorada depois do emprego e descobrir que ela era a pessoa mais reta possível: ao esticar-se toda para beijar o cara de 1,83 com quem o traía. Alceu viu naquela tarde que a curiosidade seria sua aliada. Pena que junto das descobertas não vinham só maravilhas, haja vista a descoberta do avião que trouxe a aproximação mas também levou as bombas lá pra cima.

A curiosidade fez com que o mundo fosse desbravado. Isso aprendeu Alceu com a professora Alcenir, nas aulas de geografia. Foi o que o instigou a descobrir o que haveria depois da montanha que circundava a sua cidade. Para lá ninguém nunca fora. Era longe, alto, estranho, inóspito, talvez terrível! Todo mundo ia para o outro lado, onde o mar se abria. Ninguém quisera, e assim foi nunca, descobrir o que tinha depois da montanha. Mas Alceu queria! E foi. Sabia que a coisa mais linda do mundo estava por se abrir. Ruas de ouro, casas de seda, luas de vidro, selvas de areia, bolas de aromas, gente-bandeira, gatos-estrela, sombras calientes, sobras de leite, mãos jogando pedras à beira dos rios. Imaginou cada pedaço do que viria: a relva, a selva, a névoa...e quando chegou ao topo, soerguido pela alegria de descobrir que a curiosidade era uma mola propulsora a levantá-lo, olhou, de olhos arregalados, e teve a surpresa.

O AMOR É POP

Quantas vezes você já ouviu Eu te amo? Leu? Disse? Quanto de amor absorveu? Quanto do amar do amor é

fabuloso? Mas o que é amor, e o que é fabuloso? Amor é realmente uma chama que arde sem se ver? Ao próximo é realmente possível? Até onde você seria capaz de abrir mão de você para ser outro? Ah, isso não é amor? Amar a si primeiro e depois ao outro é que é verdadeiro? Será? Não seria o primeiro, altruísmo e o segundo, egoísmo? Não! Amar ao outro antes de si é burrice, submissão! Nesses tempos, é até um absurdo! Será? Repito a pergunta. Tenho evidências, mas posso estar enganado. E quem sou eu para chegar aqui e falar de amor, descaradamente? Com que direito? Mas há um jeito certo e um errado de amar? Perdoar 70 vezes 7 como disse Jesus, e fazer isso com o parceiro que lhe enfiou a mão na cara, no bolso e na moral esse mesmo número, seria amor verdadeiro? Mas eu preciso realmente, para perdoar, desse amor violento e ter que continuar me prestando a ser a vítima de mim mesmo? Até que ponto eu deixar de ser o que nunca fui vai me transformar no ser que eu penso existir mas que nunca serei?

Desde os tempos mais remotos, sem retroceder tanto na história para não falar de conjecturas quando o que me convém são fatos, mas desde a Idade Média, digamos assim, que o amor, pelo menos o amor Eros, é essa mistura de vaidade, desejo, tolerância, completude e máscara, afinal, quando me apaixono, ou amo, passo a fazer coisas movido por uma coragem antes inexistente: seria este novo ser o verdadeiro escondido antes atrás do que não amava, ou esse sorridente humano que aparece nas fotografias é uma entidade que subverte o outro que antes era, tão coerente, cauteloso, previsível?

Percebem ao ler que faço muitas perguntas, mas é claro, tenho minhas convicções, sempre balançáveis, nesse meu turno em amar continuamente e me adaptar ao coerente e ao não coerente do que não sou, e vou me transformando. Mas como não sou de ficar no muro, digo que acredito no amor que não machuca, mas sufoca um pouco: sou de escorpião. Acredito no

amor que se transforma, que transcende a cama, que suporta a miséria e o desemprego, até porque já estive em situação miserável e desempregado, e quantas vezes acordei rindo! Acredito no amor pelo amigo e no amor à primeira vista por pessoas iluminadas que passam por cima dos ataques contemporâneos de que devemos desconfiar de tudo. Sou ousado, confesso. Corajoso para amar e me espanto com a quantidade de gente falando de amor da boca pra fora, presente em si mesmo, mas vai que falar por falar é melhor que cultivar o silêncio. O amor quer é se mostrar, esse exibido.

AS COISAS MAIS CARAS DO MUNDO

Alexandrita: 450 milhões de reais - uma gema fascipnante, que oscila entre azul e vermelho dependendo da luz e do olho de quem vê; Rubi da Birmânia: 450 milhões de reais – é uma pedra extraída em jazidas do Sri Lanka, é roxa e linda como o sol visto em maio na Tunísia; Esmeralda colombiana: 300 milhões de reais – um anel desta pedra é vendido a 60 mil reais o quilate, e seu verde, nem parece verde de tão santo! Trufa branca italiana: 12 mil reais – cogumelo com nome de doce, erva devorada por acaso antes para a sofisticação do hoje; sua aparência não é nada condizente com o preço, como prova de que a beleza interior tem seus mistérios! Whisky Glenfiddich 1937 : 80 mil reais a garrafa – existem apenas 60 garrafas espalhadas pelo mundo e talvez o dobro disso em interessados em comprá-la, afinal, bilhões de outras bocas nunca sequer ouviram falar nela; sim, bocas também escutam! Açafão: ouro em pó jogado sobre a comida! São necessárias duzentas mil flores para o preparo de 1 kg desta especiaria, considerada hoje a mais cara do mundo! ...fico pensado em duzentas mil flores amassadas, nas hastes amarelas das plantas, nos trabalhadores na colheita, nos meses de outubro e novembro arrematando

homens. Fico pensando nessas coisinhas caras, na minha calça de linho comprada numa butique, toda amassada, e no sapato encostado que verte um brilho vernízico sem precisar de graxa: olhando assim talvez eu nem desse mais nada por eles. Fico pensando o que faz algo se tornar tão caro, quando não, tão raro, não observamos o vento sobre as fuligens, e a “validade” das coisas. Validade de tempo, tanto quanto de valor. Talvez eu não tenha muitas vezes analisado o enfoque exato dos preços.

Quantas vezes quis presentear com um objeto singular e brilhante, ou um buquê perfeito de flores do campo, ou uma porcelana importada de algum lugar que mal ouvi falar. Quantas vezes quis encontrar nos objetos mais caros a inibição das quinquilharias, e tantos foram os momentos em que pensei em bibelôs dos mais variados lugares pensando que se transformariam nas estantes num objeto de culto. Penso nas coisas mais caras do mundo, em perfumes esgarçando o nariz para bisbilhotar a essência, nas horas que pessoas passam discutindo o nome da próxima tendência, o objeto que vai nos seduzir nas vitrines, sim, porque é a mercadoria que nos seduz, é o objeto que nos compra.

E de pensamento em pensamento, fui voltando no tempo e descobrindo os presentes que fui oferecendo, o valor das coisas que fui comprando, e ao reduzir minha memória à minha infância cheguei ao primeiro presente que entreguei ainda no primário. Eu lembro bem: “Toma professora!” E entreguei a ela um grão de feijão brotando num chumaço de algodão que havia aprendido numa aula de ciências. “Isso é a coisa mais cara do mundo, isso é a vida!”, disse a professora com dois braços imensos de abraço.

Concluindo, devia ter começado essa crônica ao contrário.



CARLOS ADAUTO VIEIRA

Presidente da Academia Joinvilense de Letras de 2013 a 2016, o acadêmico Carlos Adauto Vieira é advogado e economista (Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Ciências Econômicas de SC e da FURJ).

Desde 1957, colabora em jornais: O Estado do Paraná, Gazeta do Povo, Tribuna de Santos, A Notícia, Jornal de Joinville, O Município (Brusque), Sol de Camboriú, Folha Acadêmica, Folha do Litoral, Tribuna de Santa Catarina e Gazeta das Praias, de São Francisco do Sul - escrevendo artigos sobre direito, sociologia, política, economia, literatura e história. É colunista de A Notícia desde 1958.

Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura por várias vezes. Nesta condição, implementou os projetos de recuperação da Estação Ferroviária, da Shokoladenfest, do Festival da Canção de Cervejaria, do Memorial da Empresa Joinvilense; da edição de livros de Adolpho Bernardo Schneider, Elly Herkenhof, e Carl Julius Parucker; da reedição da ‘História de Joinville’ de Carlos Ficker”; e de “Às margens do Cachoeira”, de Augusto Sylvio.

Manteve colunas dominicais sob os pseudônimos de Charles D’Olençer e Heliodoro Luiz.

Publicou quatro livros – “Aos Domingos, crônicas”; “Saborosas Estórias Curtas de Charles D’Olençer”; “Europa sem Programa”; e “Contos e Crônicas”.

Em 2012 a cidade prestou-lhe um grande tributo, com a instalação da Ponte do Charlot, sobre o Rio Cachoeira, pela Prefeitura de Joinville, homenagem secundada pela Câmara de Vereadores e pelo Poder Judiciário de Joinville.

TANTE HERTA, a solitária

Herr Schimidt morreu sem adivinhar as profundas transformações porque passaria a empresa, que fundara há vinte anos, num gesto de pioneirismo e audácia. Não lhe faltara visão. Tinha – e tivera – aquele sexto sentido dos industriais alemães, porém, mais sentiu do que compreendeu estar o País na transição de essencialmente agrícola para industrial. Transição na qual a sua empresa tomaria parte decisiva, sob a direção do seu filho mais moço, o Dr. Hans.

Fora ele educado em um grande centro de estudos e progresso econômico, perdendo aquela estreita visão provinciana, tanto do seu irmão mais velho, como dos outros diretores. Ademais, a sua maneira refinada de proceder, o seu cabotinismo e um certo jeito de dar ordens como se estivesse a pedir favores, deram-lhe os trunfos para eleger-se diretor-presidente da empresa.

Teve início, aí, a ascensão da firma, antes uma simples fundição de conexões. Disputando o mercado de autopeças, desenvolvendo-se com a criação, das primeiras indústrias automobilísticas do País, obteve enormes encomendas. Depois de asseguradas as encomendas, à cata de capitais, para ereção de novos edifícios e a aquisição de modernas máquinas, assim como para o contrato de operários especializados. A escala de negócios acusou uma subida jamais imaginada ou sonhada pelos demais diretores e velhos funcionários da empresa. Hoje, convenientemente, apelidados de “colaboradores”.

O faturamento acusava índices em um mês, superiores aos de um ano, antes do Dr. Hans assumir o controle e estabelecer as diretrizes da fundição.

Seu sonho, de resto, não era fazer com que a firma permanecesse naquele estágio, tinha outros propósitos. E os confessara a um amigo íntimo. Pretendia criar uma funda

ção, com fábricas, escolas, cooperativas, universidade, hospitais, clubes recreativos, esportivos e culturais.

Todavia, para lograr tal objetivo, não era suficiente, a sua visão, o apoio dos demais sócios, pois existiam fatores extrínsecos, objetivos e agindo independentemente da sua vontade, com força bastante, se não para fazer fracassar os seus planos, ao menos para obstar a sua imediata realização.

Entre eles: HERTA.

Não se sabe como ela entrou na sua vida. Se pela água ou pelos alimentos, mas sua existência era uma realidade.

Quando teve as suas primeiras diarreias, temeu estar com um câncer nos intestinos. A conselho de um médico, foi para uma clínica especializada e realizou, lá, todos os exames, sendo constatada, para seu alívio, a princípio, não a insidiosa moléstia, mas sinais indiscutíveis de solitária. Todos os sintomas, que tanto assustaram, eram causados pelo parasita. Aquele emagrecimento e aquela fome constante, apesar de comer muito bem; aquele cansaço permanente, apesar de dormir cedo; aquelas diarreias frequentes, apesar do cuidado da comida, tudo era provocado pela tênia.

Passado o susto, o Dr. Mascarenhas, responsável pela consultoria da empresa, entendeu ser indispensável batizar a bicha, dando-lhe direitos religiosos e civis. E, por votação unânime da diretoria, a solitária recebeu o nome de Tante Herta.

Dr. Mascarenhas, que não entendia muito de Direito, tinha granjeado a simpatia de todos e obtido o cargo de consultor jurídico com polpudos salários, graças a sua verve, a esta capacidade de fazer brincadeiras, bem ao gosto germânico dos sócios diretores. Por isso, todas as manhãs, quando passava pelo gabinete do diretor presidente, enfiava a cabeça e perguntava:

– Como vai a Tante Herta, Dr. Hans?

Em pouco tempo, toda a fábrica tomara conhecimento de Tante Herta e não faltou quem comentasse entre os operários:

Não bastavam os que já existiam, ainda arranjaram mais um para sugar o nosso sangue ...

Porém aquela comédia nada mais era do que uma tragédia racionalizada, eis que o diretor presidente não conseguia acabar com a solitária, por mais médicos e remédios utilizados. A fome aumentava, o cansaço crescia, o peso diminuía. Os nervos viviam à flor da pele.

Vieram então, diante do fracasso da ciência, os conselhos da medicina caseira e alternativa. O diretor-presidente, desesperado com aquela situação, estava aceitando palpites, conselhos, receitas, o diabo que fosse, para se livrar daquela bicha, que lhe consumia a saúde, não o deixava trabalhar e, principalmente, lhe atrapalhava os negócios. Numa reunião da diretoria, o chefe das relações públicas propôs, para a Ordem do Dia, como item primeiro, um meio de combater o parasita.

– Doutor Hans, disse ele, se o senhor permite uma sugestão, eu tomaria a liberdade de indicar-lhe um remédio eficaz para exterminar solitária.

– Diga qual é – pediu o diretor-presidente.

O chefe das relações públicas, encorajado, explicou o remédio, que não era bem um remédio, mas um processo para se livrar de Tante Herta e consistia no seguinte:

– O senhor de manhã, em jejum, enche uma bacia de leite fervendo e fica em posição de maneira a receber o vapor – o senhor compreende? – e fez um gesto, meio encabulado, para esclarecer melhor.

– Vamos, vamos, estou entendendo...

– Uns quinze ou vinte minutos ...

– Nu?

– Sim, doutor, nu. Para o vapor entrar bem e Tante Herta ter aguçado o apetite. Gulosa, ela virá para fora à procura do leite. É bom, também, botar um pouco de açúcar, canela e uns cravos da índia por causa do cheiro...Tante Herta vai saindo e, quando estiver um pedaço para fora, o senhor dá um puxão e pronto!

– Será que este negócio vai dar certo ?

– É tiro e queda, doutor. Remédio muito antigo. A minha avô usava sempre com êxito e curou muita gente - esclareceu o *public relations* , envolvendo a avô para dar mais autenticidade ao processo de cura.

– Muito bem, amanhã vou fazer a experiência. Agora, vamos ver o que temos para discutir, meus caros colaboradores...

E iniciaram a leitura da ata da sessão anterior, passando a tratar de assuntos da empresa.

No dia seguinte, Ubirajara, o *public relations*, esperou ansioso o resultado do seu processo de cura. (Cura, não. Pesca à solitária. Sim, isto mesmo. Boa piada! Precisava não esquecê-la para a repetir, quando o diretor presidente chegasse):

– Pescou a Tante Herta, doutor?

E, se o remédio não falhasse, receberia um abraço daqueles largos e que o Dr. Hans costumava dar, quando alcançava alguma vitória e, quem sabe?, um aumentozinho, pois ele, sem dúvida, era generoso. A manhã inteira se passou, sem o diretor presidente aparecer. Aí pelas dez horas, telefonaram da sua casa, avisando que ele só chegaria à fábrica, no período da tarde.

Ubirajara tranquilizou-se com a esperança de que o diretor presidente estivesse pondo em prática o método para pescar solitária (Boa piada, boa piada, repetia para si mesmo o *public relations*).

Num rápido encontro que teve com um engenheiro alemão, responsável pela zincagem, este lhe perguntou, aludindo ao método:

- Serraá que tá zerto?

- É tiro e queda, doutor Otto. Minha avó nunca perdeu uma solitária com este processo. Foi-se para o setor das relações públicas, depois de ter dado uns tapinhas no ombro do engenheiro, como a tranquilizá-lo.

O diretor - presidente chegou às catorze horas, indo diretamente para o seu escritório.

Ubirajara, que sempre se julgara o máximo em *public relations*, havendo, por estas credenciais, sido admitido na empresa, imediatamente foi lá cumprimentá-lo e perguntar-lhe sobre o tratamento.

O Dr. Hans estava na janela, olhando para a rua.

- Dá licença. Boa Tarde, doutor. Pescou a Herta?

Sem virar a cabeça, sem apertar a mão, que lhe fora estendida, sem entender a piada, perguntou-lhe:

- Você disse que este negócio de pegar a bicha era infalível, não foi?

Ubirajara temeu, por um instante, ter havido revés no infalível método de sua avó. Porém, nada disso ocorrera. Um senão impedira, talvez, o êxito.

E o patrão explicou-lhe o ocorrido.

- Bem, como não tinha uma bacia, comprei uma banheirinha de plástico. Enchi-a com cinco litros de leite fervendo, tirei o pijama e procurei uma posição de maneira que os vapores entrassem e subissem até a Herta. Botei, conforme você recomendou, um pouco de açúcar e cravo da índia. Assim, fiquei meio acocorado, com a banheirinha entre as pernas, lendo jornal, e esperando a bicha pôr a cabeça de fora. Não sei como, perdi o equilíbrio e caí sentado dentro, pelando-me todo naquela quentura. Estou todo enfaixado por aqui e por aqui -

mostrou com a mão as partes atingidas. O método pode ser bom, meu caro Ubirajara. Mas é muito perigoso...

Ubirajara, humilhado, gaguejou uma desculpa.

– Doutor, o senhor sabe, eu não fiz por mal ...

– Está bem. Sei que você teve boa intenção. Manda o Mascarenhas aqui, para falar comigo, sim?

Assim foi despedido o *public relations* do gabinete do diretor presidente, agora mais preocupado do que nunca com Herta.

A história do banho de leite ocorreu a fábrica. Ubirajara, querendo fazer graça, inadvertidamente, a contou numa roda de cafezinho. Ela se espalhou e chegou aos ouvidos do Dr. Hans através da secretária. Logo os seus três mil colaboradores fariam toda a cidade saber daquele acontecimento ridículo. Já chegava de aborrecimentos. Mandou a secretária telefonar para casa e preparar as suas malas. Para se livrar daquela situação horrível, iria à reunião dos chefes de empresa na capital do país. À sua volta, já teriam esquecido tudo.

Discutia a questão do mercado externo, quando sentiu alguma coisa fria, úmida e viscosa na suas próprias roupas íntimas. Pediu licença por um momento e retirou-se para as instalações sanitárias. Tirou as calças e o que era? Um pedaço de Herta. Deu um puxão naquilo que tanto poderia ser a cabeça, como o rabo da solitária. A violência do puxão partiu-a. Ficou com um pedaço na mão, enquanto o resto se encolhia e voltava vagarosamente ao interior dos seus intestinos. Embrulhou o pedaço de papel higiênico, lavou as mãos e abandonou a conferência, na secreta esperança de que aquilo fosse a cabeça. O laboratório o desiludiu, entretanto. O exame demonstrara serem, somente alguns anéis do parasita.

À noite, no bar do hotel, como lhe perguntassem os motivos pelos quais abandonara a reunião, narrou os fatos. Um dos industriais perguntou-lhe :

– Já experimentou alho em jejum? Santo remédio. A bicha não suporta o cheiro e sai logo.

Houve vozes de aprovação e se contaram até alguns casos de cura.

O diretor-presidente não suportava alho. Resolveu, no entanto, aproveitar a recomendação, na manhã seguinte.

Engoliu um dentinho. E logo vomitou. Esperou e, esforçando-se extraordinariamente, engoliu sem mastigar uma cabeça inteirinha, dente por dente. Deitou à espera do efeito. Foi nenhum. Uma ligeira febre de quase quarenta graus, que o obrigou a chamar um médico às pressas, receando passar-se ali mesmo, sozinho, no luxuoso apartamento.

Restabelecido, voltou à reunião, sendo crivado de perguntas a respeito do remédio. Pô-los a par de tudo, constrangido por ter de lhes contar que o médico lhe aplicara um clister, a fim de o livrar do alho.

O último remédio de que lançou mão foi banha de porco.

Um dos mais antigos funcionários da firma procurou-o para lhe recomendar o uso de banha. Não se tratava de um remédio infalível. Mas já dera alguns bons resultados em casos semelhantes. Tratando-se de um colaborador tão antigo e pela razão de não haver ele – ao contrário dos demais – garantindo a eficácia absoluta do remédio, o Dr. Hans dispôs-se a uma última tentativa. O resultado foi inesperado. Durante 15 dias teve de guardar leito, acometido de uma disenteria incontrolável, que o emagreceu mais de dez quilos.

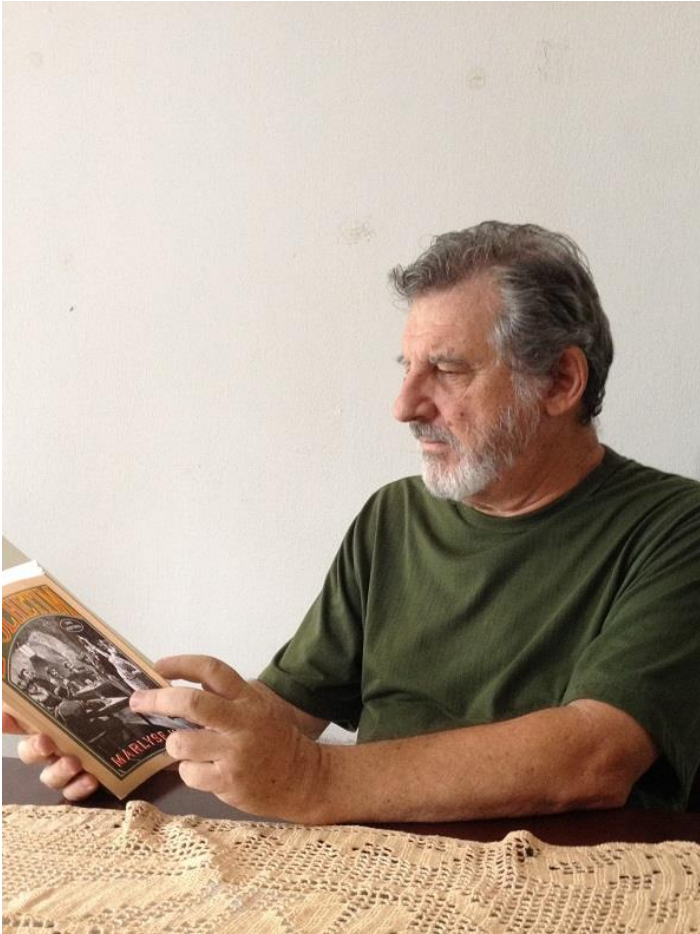
Frustradas todas as possibilidades de expulsar a Herta dos seus intestinos, jurou não tomar mais qualquer remédio, e sim procurar uma maneira de viver em paz com ela.

Durante dois anos condicionou a sua existência à Herta, criando um *modus vivendi*. Por causa dela, nada obstante ser a sua a maior empresa da região, recusou gentilmente, o convite

para ser o presidente da associação industrial, evitou banquetes, festas, honrarias e perdeu grandes negócios. Procedia deste modo para evitar as desagradáveis surpresas que Herta lhe proporcionava, soltando, sem qualquer aviso, os seus anéis, o que fizera passar vexames terríveis, em ocasiões as mais inoportunas. Razão, de resto, que o levou a usar calcinhas plásticas, com elástico nas pernas, iguais às de bebês, em lugar das cuecas tradicionais, de pouca serventia para o seu caso.

Estas providências tomou, depois de péssimos momentos, causados pela inconveniente Herta, que não escolhia oportunidade para fazer das suas. Como, por exemplo, na noite de núpcias, quando, inopinadamente, soltou anéis, obrigando os nubentes a trocarem toda a roupa de cama e a tomarem banho em plena madrugada. Ou, como no jantar de gala, oferecido a um destacado militar, em que o diretor presidente, em meio ao discurso de saudação, sentiu escorrer-lhe pela perna um líquido frio e viscoso, empapando o smoking e obrigando-o a interromper a oração, pálido e suarento, desconfiado de que os presentes houvessem notado algo.

Até a sua morte, causada por um remédio descoberto por cientistas alemães, Herta foi alvo de todas as atenções. Dr. Hans vivia para ela, quase exclusivamente. E seus restos mortais, medindo já cinco metros e sessenta centímetros, depois de expelidos pelo diretor presidente, foram conservados em formol num frasco de cristal e postos numa estante, especialmente construída para tal fim, no seu escritório, como se fossem os de um ente familiar muito querido, ou um troféu cobiçado durante muito tempo.



HILTON GORRESEN

*O acadêmico **Hilton Görresen** é natural de São Francisco do Sul (SC), bisneto de imigrante norueguês aqui chegado no século 19.*

*Começou a publicar seus textos na década de 1960, no jornal *Correio do Povo*, de Jaraguá do Sul (SC). Entre as décadas de 1970 e 1980, após concluir o curso de Letras, em Joinville, iniciou colaboração semanal no jornal “A Notícia”, publicando crônicas, num estilo leve e humorístico, e artigos sobre comunicação.*

Terminando curso de especialização em Língua Portuguesa, em 1990, passou também a elaborar textos sobre linguagem, alguns deles reunidos mais tarde no livreto “Mostrando a língua”, de 2004.

*Há cerca de 10 anos, vem publicando suas crônicas no jornal *Notícias do Dia*, também de Joinville, textos estes reunidos nos livros “Quando minha avó tirava a roupa”, “Histórias para ler no banheiro” e “Elefante branco”.*

Publicou também um livro de memórias, “São Chico Velho de Guerra” e o paradidático “O que aprendi sobre redação – e posso lhe ensinar”.

É membro também da Associação das Letras e da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul – ALASFS.

SORRIA, VOCÊ ESTÁ NA TERCEIRA IDADE

Chegar à terceira idade é uma sorte. Pelo menos isso é o que pensariam aqueles que não chegaram lá, ficaram pelo caminho.

Terceira idade é um conceito flutuante. É ter ultrapassado o último terço de vida, considerando o período médio de vida das pessoas, ou como se costuma dizer, estar “vivendo no lucro”. Alguns séculos atrás, ou mesmo no começo do século anterior, a terceira idade devia começar lá pelos trinta anos. Hoje, existem pessoas que se encontram nela há mais tempo do que isso, já querendo alcançar a quarta idade. Você já passou pela fase da meia idade e está chegando lá quando “empurrar com a barriga” deixa de ser uma metáfora e passa a ser uma possibilidade real. Ou quando substitui o “tiro no pé” pela urina no pé.

Se existe algum sinal de haver chegado à terceira idade (ou quem sabe passado dela), esse sinal é o cansaço da memória, dito eufemisticamente. Embora consiga se lembrar até da cor de seu berço, você não consegue atinar onde colocou seus documentos há poucos minutos (e pra que documentos?) ou lembrar, durante o banho, se já passou xampu nos cabelos, isso quando consegue ainda tomar banho sozinho.

A terceira idade é um marco na vida das pessoas: se até ali você não se divorciou, nem enviuvou, é sinal de que vai permanecer ao lado da sua “velha” a vida toda. Com as possíveis exceções, não há mais condição de trocar uma de 70 por duas de 35. Alguns, ainda, torcem para chegar à chamada eufemisticamente melhor idade, para ter o triste consolo de preferência nas filas e de meia entrada no cinema.

Mas até quando vai a meia idade e inicia a terceira idade? Parece que é quando aquelas vovós – que antigamente ficavam em casa fazendo tricô ou contando histórias para os netinhos – se reúnem em excursões para estações de água ou entram em turmas para o bingo semanal.

É quando o vovô pode sair à rua usando aquele boné do Chaves e ninguém acha ridículo. É quando o único exercício que costuma fazer é mexer as pedrinhas de dominó no tabuleiro da praça, jogando com os amigos. Quando festeja o aniversário, verifica com pesar que seu dinheiro da aposentadoria do mês não chegou nem para comprar as velinhas do bolo.

Costuma se lembrar dos “bons tempos” de antigamente. Quando recrimina os jovens por mau comportamento é por dois motivos: inveja e saudades. Já não tem mais competência para dar maus conselhos. Se você ainda é um jovem de 40 ou 50 anos, não se amofine, leitor, você ainda vai chegar lá (e espero sinceramente que chegue; não aconselho a outra opção).

POBRE CRÔNICA!

Vida breve tem a crônica. O cronista procura, em sua visão, peneirar a realidade; senta diante da máquina (ou da telinha do micro) e escolhe as palavras para se comunicar com o leitor, preocupa-se com a coerência do texto e com a clareza das frases. No dia seguinte seu texto já está fazendo parte de uma pilha de papéis recicláveis ou servindo de forração para gaiola. O cronista persegue o sonho quase impossível da imortalidade de seus textos.

Localizada, às vezes, num canto do jornal, alguns leitores passam por cima, ávidos de recolher as desgraças do dia, os escândalos políticos, as surpresas do futebol. A crônica está do lado do time do entretenimento. Se o leitor quer saber de notícias, fatos, denúncias, controvérsias, que leia mesmo as outras partes do jornal.

Sob esse aspecto – o de entretenimento – a crônica nasceu no espaço denominado folhetim, no século 19, junto com fofocas de sociedade e capítulos de romances publicados na parte inferior das páginas dos jornais, os romances-folhetins, considerados pais das novelas atuais. Na época, todos os grandes escritores passaram pelas páginas de jornal, seja como cronistas (Machado de Assis, José de Alencar), seja como romancistas (Balzac, Alexandre Dumas).

Em matéria de popularidade, a melhor crônica de um Veríssimo não vale a bela letra de um “ai, se eu te pego!”, que teve seus dias de glória. Em shows ou em programas de calouros ninguém se apresenta para declamar uma crônica de Rubem Braga ou mesmo de Sérgio Porto. Sua imortalidade não passa de alguns minutos.

A crônica se apresenta como um retalho da realidade. Um misto de jornalismo e literatura. Às vezes é alegre, saltitante como um passarinho; às vezes, filosófica, poética, nostálgica; outras vezes, triste como um samba-canção sem a música. É um espaço de lazer, de descontração, na torre de Babel que são os acontecimentos do universo.

Adaptou-se tanto em nosso país, que parece ser um gênero essencialmente brasileiro, indispensável na imprensa como contraponto à crueza dos fatos cotidianos. Você já ouviu falar de cronista sueco, russo, francês ou espanhol? Cronista tupiniquim existe bastante. Rubem

Braga sobreviveu literariamente apenas publicando crônicas.

Desnecessário para alguns, sedutor para outros, o cronista segue sua sina de Sísifo, o personagem mitológico: empurrar uma enorme pedra até o cume de um monte, para que essa volte rolando para baixo. E aí começa tudo de novo.

MEU CÉU PARTICULAR

A ideia de um lugar no Universo (ou fora dele), onde os bons receberiam depois da morte sua recompensa pelos atos praticados, existe desde tempos imemoriais (que belo lugar-comum). Para os gregos era o Olimpo, para os nórdicos o Walhala, para os índios americanos os sagrados campos de caça. Diferentes crenças e religiões interpretam ou até imaginam esse local – o céu – de diferentes modos.

Se o céu vem se enchendo de “boas almas”, sem rodízio delas, desde o tempo da Criação, deve ser um local deveras extenso para caber tanta alma. Qual será então o tamanho do céu? Sua imagem padrão é a de um conjunto de nuvens sobre as quais flutuam os bem-aventurados, executando harmoniosas melodias numa harpa. E eu, que não sei tocar harpa, o que farei nessas incontáveis horas livres na eternidade? Será que dá pra escrever?

Se permitirem dar minha opinião, acho que o céu deveria ser um domínio pessoal, diferente para cada pessoa, conforme seus gostos e sua personalidade. Um céu particular. Quem gosta de navegar, faria jus a um extenso oceano, limpo de ondas e tempestades, com um vento fresco e acolhedor. Quem sabe com o Bing Crosby na popa cantando “True love”.

Quem adora futebol, já se instalaria em um campo com impecável gramado, onde assistiria a um suceder infundável de jogos e campeonatos. Os “dons-juans”, se é que essa categoria

merece o céu, cairiam num harém com lindas odaliscas, gueixas e índias de Hollywood.

Meu céu particular seria ambientado na Paris do começo do século 20, numa eterna primavera, com suas luzes, jardins, bulevares e velhas edificações. Moços de chapéu palheta fariam serenatas debaixo de românticos postes com lampiões. Cinemas semelhantes a palácios, com monumental sala de entrada, exibiriam os filmes que eu gostaria de ver e que nunca foram produzidos.

Moças com luvas e grandes chapéus passariam, à tarde, em carruagens pelos bulevares floridos. Almas de grandes escritores perambulariam pelos bares, restaurantes e livrarias. Jornais publicariam os derradeiros capítulos de folhetins de Balzac, Dumas ou Eugene Sue. Músicas típicas parisienses, cantadas por Edith Piaf e Maurice Chevalier (não há problema na mistura de épocas, pois o tempo no céu não tem existência).

Haveria bosques (adoro a palavra bosque) com antiquíssimos carvalhos e caminhos peçados de folhas secas. Moinhos com pás de madeira à beira de regatos, com gansos correndo pela vegetação amarelada, como num quadro impressionista.

Mais não descrevo para não despertar inveja; mas vá preparando sua opção, quem sabe o Criador resolva acatar minha sugestão.



MARIA CRISTINA DIAS

Maria Cristina Dias é jornalista, formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), pós-graduada em Marketing e Comunicação pela FGV/Sociesc e mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, pela Univille/Joinville. Como jornalista, desenvolve um trabalho contínuo de resgate da Memória de Joinville a partir de entrevistas e pesquisas em fontes primárias, como documentos e periódicos da cidade. É membro da Academia Joinvilense de Letras

É autora do livro “Se essas paredes falassem... – Um breve olhar sobre antigas casas que marcaram a construção de Joinville” (2011) e coautora dos livros “Henrique Loyola – Colecionador de Desafios” (2012) e “Uma Década de Evolução do Mercado Imobiliário – Núcleo das Imobiliárias da Acij” (2013). É produtora e editora das revistas biográficas “Dirce – 80 Anos” (2015), “O corpo que flui... e dança” (2016) e “Minha Infância durante a 2ª Guerra Mundial – Helga de Loyola” (2016). Produz publicações biográficas, permitindo que pessoas e famílias preservem a própria história.

Observadora de pássaros e fotógrafa da natureza, é autora da coluna de crônicas “Olhar Passarinho”, no Portal Fazer Aqui, na web (2017).

ENTRE O MUNDO REAL E O VIRTUAL

Estava andando na rua do Príncipe quando um olhar no meio da multidão capturou o meu. Em um instante, um brilho de reconhecimento iluminou este olhar, que instantaneamente se transformou em sorriso.

Eu, que posso não enxergar bem, mas sinto e pressinto como ninguém, percebi que aquele olhar me conhecia sabe-se lá de onde. E que certamente gostava de mim.

Era uma senhora de traços suaves, sorriso aberto e uma ponta de tristeza que se fazia presente sei lá como. Eu sabia que a conhecia – mas de onde?

– Você é Maria Cristina? – perguntou hesitante.

– Sim, Maria Cristina Dias. – respondi, da forma como sempre me apresento.

Costumo me apresentar com o nome completo, assim, com ponto no final. E deixo livre as pessoas para me chamarem como quiserem. Geralmente, começam com Maria Cristina e vão diminuindo, encurtando, se familiarizando... passam para Cristina, para Cris. De uns tempos para cá, há quem me chame só de Maria. Ainda não me acostumei com isso e às vezes, desculpe-me, ouço com estranheza como se não fosse eu. Maria era minha avó, Maria José. Mas quem sabe com a idade avançando, este nome também não vai cair bem em mim, como caía tão bem nela.

Mas, voltando à rua do Príncipe... depois do lampejo de reconhecimento, da certeza, veio um abraço. Um daqueles abraços macios, acolhedores, que fazem tão bem à alma.

Descobri que era minha amiga no face, que já lera os meus escritos. Me disse seu nome.

Sim, nos conhecíamos. Não da forma tradicional, física. Mas da maneira virtual que caracteriza os nossos tempos. Trocamos algumas palavras e seguimos os nossos caminhos. E eu ganhei o meu dia com aquele abraço inesperado. De alguma

forma, o mundo real e o virtual se encontraram na rua de forma natural.

Não que isso seja fácil ou comum. Não é. As redes sociais estão nos fazendo rever a forma como nos relacionamos com os outros. Podemos ser amigos no Face, trocar comentários sobre algum fato do dia a dia e dar bom dia de manhã, mas, ao mesmo tempo, ficar sem saber onde colocar as mãos quando nos esbarramos nos corredores do supermercado. Já aconteceu contigo? Comigo já.

Ou olhar para uma pessoa com aquela estranheza de quem conhece, mas não conhece, sem saber o que falar, sem ter certeza se será bem recebido ou reconhecido. Quem já não passou por isso?

As imagens do face também não ajudam muito essa aproximação no mundo real. Nas fotos de perfil estamos sempre 10 anos mais novos, cinco quilos mais magros, com uma boa camada de maquiagem ou recém-saídos de uma plástica via Photoshop. Todo mundo sorri, não há rugas e os cabelos estão penteados. Difícil reconhecer essas pessoas perfeitas na vida real – a gente fica na dúvida. Será que é mesmo fulano que sorri para mim naquele quadradinho ali no canto do celular?

Bem, na dúvida sobre o que fazer, eu faço o que sempre fiz. Acolho. Sim, pode falar comigo, seja amigo real, virtual ou de qualquer tipo que venha a aparecer. Cumprimento, respondo, sorrio – só me faz bem. E de vez em quando ainda ganho de brinde um abraço gostoso como aquele na rua do Príncipe.

A CASA DO JOÃO-DE-BARRO E OS RECOMEÇOS

Há pouco mais de dois anos eu olhava por uma das janelas do meu apartamento com os “olhos de ver” e me deparei com um casal de João-de-Barro que estava construindo seu novo lar.

Pacientemente, a cada dia eles levavam no biquinho um pouquinho de barro úmido para cima de um poste e iam empurrando, moldando a casa. Um exercício de persistência e paciência de quem sabia que valia o esforço para construir um lugar para ter a sua cria com segurança.

Mas segurança é um conceito relativo até para os passarinhos. E algumas vezes flagrei outros pássaros pousando na casa do João-de-Barro sabe-se lá para quê.

E eu, que às vezes acho que não tenho nada para fazer nessa minha vida tão atarefada, todos os dias de manhã cedo tirava uns minutos para fotografar a evolução da obra. Foram mais de dois meses de labuta diária. Os novos vizinhos ergueram uma casa bonita, com uma entrada estilosa. Já as minhas fotos deram origem a um vídeo feito com a ajuda de um amigo querido.

Mas um dia, eis que veio uma tempestade. Um vento forte daqueles que uivam ao passar pelas frestas da janela levou o sonho do casal de João-de-Barro poste abaixo. A chuva forte lavou o que restou dos escombros e não sobrou nem o alicerce para contar história.

Os dias seguem, porém, um após o outro. Novamente a primavera se aproximou e surgiu a necessidade de um lugar para abrigar os filhotes. Os primeiros já haviam saído de casa bem antes da tempestade, deixando o ninho vazio.

Se o casal de João-de-Barro teve dúvidas sobre o que fazer, eu não saberia dizer. Mas um dia olhei pela janela e lá estavam os dois passarinhos de novo, erguendo diligentemente a sua nova morada. Sempre levando o barro úmido no biquinho, dia após dia, com paciência e tenacidade.

Desta vez, porém, o vento e a chuva chegaram mais cedo e a casa se desmanchou antes mesmo de ser totalmente reconstruída. Para onde foram os passarinhos, eu não sei. Mas já não estão mais lá. Talvez tenham ido buscar um poste mais

abrigado das incertezas climáticas. Ou, quem sabe, estão esperando para recomeçar mais uma vez no mesmo lugar.

Mas como nada na vida é em vão, eles ratificaram a minha certeza de que essa vidinha é repleta de recomeços e de que precisamos estar preparados para isso. Em uma hora tudo parece indo tão bem. Os planos se concretizam conforme desejamos, os amores são quentes e para sempre, os dias têm aquela tranquilidade que dá paz à alma. De uma hora para outra, porém, o vento passa uivando alto e bagunçando o que parecia tão certo e perene. Leva até seus alicerces e o obriga a se reconstruir. E, assim como o casal de joão-de-barro, saímos por aí em busca de barro úmido e bom para, mais uma vez, recomeçar.



MILTON MACIEL

O acadêmico Milton Maciel, escritor, editor, consultor agrícola, conferencista internacional, músico e compositor, é gaúcho da fronteira com o Uruguai.

Viveu 25 anos em São Paulo, onde foi fabricante de aparelhos científicos para análise química, agricultor orgânico e consultor; e quatro anos em Maceió, Alagoas, onde foi Secretário de Agricultura. Escolheu Joinville para viver no ano de 2003. No período 2007-2014 residiu e trabalhou nos Estados Unidos como conferencista, escritor e ghost writer.

Tem, até o momento, 36 livros publicados em 3 idiomas, entre romances, contos, poesias, ensaios e livros técnicos de astronomia, nutrição, etanol e agricultura orgânica.

É também membro da Associação das Letras e da Confraria do Escritor, ambas de Joinville, da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e da Romance Writers of America.

É criador e titular do Curso de Formação de Escritores “O Escritor Publicável”. E diretor da Escola Brasileira do Escritor, de São Paulo.

Atualmente é o presidente da Academia Joinvilense de Letras, para o triênio 2016-2019.

BLOG: <http://miltonmaciel.blogspot.com.br>

FACEBOOK:

<http://www.facebook.com/milton.maciell>

<http://www.facebook.com/escritorpublicavel>

<http://www.facebook.com/aguerradejacques>

e-mails: miltmaciel@gmail.com

delphos09@yahoo.com

mo.maciell@terra.com.br

O DESAFIO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL

O analfabetismo no Brasil decresce numericamente de forma lenta, embora o faça mais rapidamente do ponto de vista percentual. Isto é, enquanto o número total de analfabetos permanece estacionado há muitos anos no entorno de 14 - 12 milhões de pessoas, o crescimento da população o torna percentualmente cada vez menor. Hoje somos 208 milhões de habitantes (contra 121 milhões em 1980), o que torna nosso índice de analfabetismo representável pelo valor de 6%. Em 2003 ele era de 12%. O que explica isso?

Em primeiro lugar o fato que a maioria da população analfabeta tem mais de 40 anos, ou seja, são as crianças que nunca foram à escola ou a abandonaram nos primeiros anos. Um número insignificante desses adultos dispõe-se hoje a ser alfabetizado, depois que o grande trabalho do MOBREAL acabou.

Em segundo lugar, podemos contar com o maior investimento dos governos em educação a partir de 2004, que foi aumentando até chegar ao atual patamar de 5,7% do PIB (em Taiwan ele é de 18,5% do PIB!)

Este valor de 5,7% parece razoável, se o compararmos com os de países mais desenvolvidos (*só que estes JÁ estão desenvolvidos, podem investir menos!*), a média europeia sendo de 5,5% do PIB também. Contudo, aí surge um problema maior para nós: o **tamanho** da população! Temos que distribuir nossos 6% entre muitos milhões de estudantes a mais. E aí o investimento *per capita* cai exponencialmente. Entre os países membros da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) o Brasil chega a ficar às vezes num pouco confortável antepenúltimo lugar.

O Brasil investe *muito mal*. Investe priorizando o Ensino Superior (17 mil dólares por aluno), em detrimento do Ensino Básico (3,8 mil dólares por aluno). Exatamente o contrário do que fazem os Tigres Asiáticos (Singapura, Coreia do Sul, Taiwan), a China e os avançadíssimos países nórdicos (Finlândia, Noruega, Suécia, Dinamarca). A Coreia do Sul, por exemplo, investe 9,5 mil dólares por aluno do Básico e 14 mil por aluno do Superior. Uma proporção de 1,5 para 1 – enquanto que no Brasil essa proporção é de 4,5 para 1.

Singapura tinha altos níveis de analfabetismo em 1960. Hoje, junto com Coreia do Sul e Finlândia, é o país com notas mais altas no ranking da OCDE. Já nos testes PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), o Brasil tem ficado em 68º lugar entre os 76 países avaliados.

O que mudou tudo para Singapura e Coreia do Sul (Coreia que, em 1980, tinha um PIB menor que o do Brasil e hoje o tem 3 vezes maior que o nosso) foi o alto investimento em ***educação infantil***. Isso tirou-os da situação de países de Terceiro Mundo e os colocou no Primeiro em menos de 30 anos. A Coreia só investiu em ensino Superior depois que conseguiu, com maciços investimentos, a ***universalização*** do ensino Básico, com escolas gratuitas em dois turnos plenos e professores muito bem pagos.

Como consequência, o número de estudantes nas universidades aumentou 17 vezes nesses 30 anos. Não porque, de repente, foram abertas vagas de ensino superior maciçamente. Mas porque aumentou 17 vezes o número de estudantes que conseguiu *concluir o ensino básico* e bateu à porta das universidades. Essa foi a grande revolução!

“Quase não temos recursos materiais, nossos recursos são

humanos. É neles que temos que investir”, dizem as autoridades coreanas. O país produz hoje 1300 patentes de invenção de alto valor estratégico por ano. E tem gigantes como Hyundai e Kia Motors, LG e Samsung (esta gigante, quando fundada em 1938, era só uma empresa que trabalhava com peixe seco).

A Coreia é um país pequeno (100 km²), do tamanho de Santa Catarina (95 km²). Mas tem, nesse território, 52 milhões de habitantes, exatamente um quarto da população brasileira atual.

A reformulação do ensino foi tão completa que hoje há nesses países asiáticos, assim como na Finlândia, uma enorme procura por vagas nas universidades para a carreira de *professor de alfabetização e de curso básico*. Estes professores precisam fazer mestrado, mas disfrutam de altíssimo padrão de salários e respeito na sociedade. Na Finlândia, um professor primário tem o mesmo *status* de um economista. E há dez candidatos para cada vaga de formação para estes professores nas universidades.

Segundo cálculos da própria OCDE, ***se o Brasil conseguisse investir pesado em educação básica e garantisse alfabetização PLENA e formação integral para seus estudantes de até 17 anos, o país poderia multiplicar por SETE o seu PIB em 30 anos!*** Sem mistérios, como os Tigres Asiáticos o fizeram.

Mantendo controlado o crescimento populacional, passaríamos dos atuais 8,65 mil dólares para 60 mil dólares de PIB per capita, que é exatamente o nível do norteamericano – o maior do mundo – hoje! Algo como 190 reais por ano, ou 15,8 mil reais por mês, de renda média para o brasileiro. Espera-se que o desenvolvimento correspondente possa levar, ao longo desses trinta anos, a uma sociedade menos injusta e com melhor distribuição de renda, naturalmente.

Contudo, neste 2017, mais de metade de todos os brasileiros (52%) não têm mais do que o ensino fundamental e só 18% dos estudantes cursam o ensino superior (84% na Coreia). Contudo, mesmo entre estes estudantes universitários brasileiros, 38% não sabem escrever plenamente e 22% são tecnicamente *analfabetos funcionais*.

Este é hoje um grande drama brasileiro: O enorme número de pessoas que simplesmente não consegue ler um texto longo e entendê-lo plenamente. E não consegue escrever com fluência e coerência. O mesmo se aplica ao domínio dos números. São os analfabetos funcionais.

Enquanto esse quadro perdurar, o país está condenado ao baixo nível de desenvolvimento humano que ostenta. Desigualdade extrema e violência continuarão *crecendo*. Um país superior se faz com habitantes superiores. E isso só se pode fazer começando do começo. Da *Pré-escola e do Fundamental Um*, já que não podemos começar a partir dos próprios lares das nossas crianças.

Fora da equidade de uma educação infantil universal de alta qualidade, simplesmente NÃO HÁ SALVAÇÃO!

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

PROGRAMAÇÃO DE SETEMBRO – 2017

Dia 12, terça, às 20 horas – Sessão ordinária e Café Acadêmico.
Na sede do 3º andar.

Dia 14, quinta, às 19:30 hs – Palestra “*Monteiro Lobato e sua Influência*” – Com nosso Sócio correspondente ENÉAS ATHANÁZIO – no Salão Nobre (Sala Mozart)

Dia 20, quarta, às 19:30 hs – Festa Gaúcha, com homenagem ao acadêmico Milton Maciel pelo conjunto da obra e lançamento dos seus livros “A GUERRA DE JACQUES” e “A ARTE E A TÉCNICA DO ROMANCE”.

Dia 23, sábado, das 9 às 17 horas – Oficina de CONTO – Com David Gonçalves – Na sala de aula, 3º andar.



ACADEMIA JOINVILENSE

1969